

Explorando a natureza e instintos: humano, animal e artificial (IA)

Diego Kenji de Almeida Marihama

Rubens Mussolin Massa

José Moran

Fonte: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/5080/3491>

A exploração da natureza em cada perspectiva: homem, animal e inteligência artificial, revela um espectro de habilidades, motivações e abordagens distintas para a criação e interação com o ambiente. Compreender e valorizar essas diferenças pode inspirar inovação, melhorar a convivência e abrir novas perspectivas em várias áreas do conhecimento.

O homem possui uma capacidade única para criatividade e inovação. Ele não apenas constrói abrigos para suprir necessidades básicas, mas também cria estruturas que refletem estética, cultura e progresso tecnológico. Os animais constroem abrigos de acordo com seus instintos e sua necessidade de sobrevivência. Suas construções são exemplos de adaptação eficiente ao ambiente. Quanto à IA, ela opera através de análise de dados e algoritmos complexos, permitindo a criação de objetos e informações, com diferentes interfaces.

A diferença entre o homem e os animais

A partir das considerações de Descartes (1973), buscou-se no primeiro momento trazer a diferença fundamental entre os seres humanos e os animais, retratando essa diferença na capacidade racional e no pensamento consciente, ou seja, enquanto os animais agem por instintos e sem consciência de si mesmos ou do mundo, os seres humanos possuem uma mente racional que os tornam diferentes. Sendo assim, a mente humana é uma substância pensante, separada do corpo, chamada de *res cogitans*. Enquanto os animais são apenas *res extensa*, substâncias materiais sem mente consciente.

Segundo Kant (1964), os seres humanos compartilham muitas características físicas e emocionais com os animais, mas há uma diferença fundamental baseada na capacidade moral e racional dos seres humanos. O homem, por sua vez, tem a capacidade de agir de acordo com a razão prática, agir de acordo com princípios morais universais, o qual chama de imperativo categórico.

Para Kant (2006), a razão prática permite aos seres humanos agir de forma autônoma, tomando decisões morais baseadas em princípios universais de justiça e dever. Esta capacidade de agência moral é o que diferencia os seres humanos dos animais, que agem principalmente por instinto e não têm a capacidade de formular princípios morais universais. Portanto, Kant (1964) considera que a diferença entre os seres humanos e os animais está na capacidade moral e racional do homem de agir de acordo com princípios universais, enquanto os animais agem principalmente por instinto e

condicionamento. Essa visão enfatiza a dignidade e o valor moral exclusivo dos seres humanos como agentes racionais e morais.

Embora o homem compartilhe certos instintos com os animais, como o desejo de sobrevivência e de reprodução, sua racionalidade o eleva a uma experiência única no reino animal. A capacidade de pensar criticamente, de questionar e de criar, são atributos que o distingue. Enquanto os animais seguem padrões comportamentais pré-determinados, o homem possui a liberdade de escolha e a capacidade de mudar seu destino.

No entanto, é importante reconhecer que esta distinção não implica superioridade ou valor intrínseco. Os animais têm seu próprio conjunto de habilidades e características que lhes permite prosperar em seus ambientes naturais. A compreensão da diferença entre o homem e os animais não deve levar à exploração ou ao desrespeito para com outras formas de vida, mas sim à apreciação da diversidade e da complexidade do mundo.

Como retratado por Sartre (1987), a distinção entre os homens e os animais reside na capacidade humana de raciocinar, refletir e agir de forma consciente e intencional. Enquanto os animais são guiados principalmente por instintos, o homem possui a liberdade de escolha absoluta e irrestrita. Sartre (1987), portanto, enfatiza que a *escolha* é uma característica da existência humana e os indivíduos são totalmente responsáveis por suas decisões e comportamentos. Essa responsabilidade pela liberdade de escolha é o que os define como seres humanos, pois através dela constroem identidades e atribuem significados às suas vidas. Essa diferença fundamental não apenas define a espécie humana, mas também desafia os indivíduos a agirem com responsabilidade em relação ao mundo e às outras formas de vida que o compartilham.

A relação do homem com a IA

Diante da diferença entre o homem e os animais, esta pesquisa busca compreender a relação do homem com a máquina, considerando o mesmo respeito à dignidade humana e a responsabilidade com o meio ambiente, bem como as facilidades proporcionadas pela tecnologia.

A IA, por sua vez, é uma criação humana, é a ciência que torna um sistema computacional capaz de realizar tarefas através de algoritmos e modelos matemáticos, que aprende a partir de dados, toma decisões e melhora seu desempenho de forma autônoma. Ela pode ser moldada de maneira relativamente direta pelos homens através da manipulação de algoritmos, dados de treinamento e parâmetros do modelo.

Os desenvolvedores de IA podem ajustar o código-fonte, os conjuntos de dados e os algoritmos de aprendizado para otimizar o desempenho da IA em uma determinada tarefa. Isso permite uma adaptação rápida e precisa, de forma a atender os diferentes requisitos e cenários.

Assim, retoma-se as considerações de Descartes (1973), quando trata da noção de consciência e racionalidade como atributos essencialmente do homem. O que contribui para delimitar tanto as

fragilidades quanto as potencialidades da IA em relação às habilidades cognitivas e criativas exclusivas dos seres humanos.

Descartes (1973) enfatiza a racionalidade como uma faculdade fundamental do ser humano, diferenciando-o de outras formas de vida. Embora a IA possa demonstrar uma racionalidade instrumental, ou seja, a capacidade de processar informações e resolver problemas de maneira eficiente, a racionalidade humana envolve aspectos mais complexos, como a capacidade de raciocínio abstrato, a criatividade e determinadas tomadas de decisão que a máquina não compreende.

A filosofia cartesiana estabelece uma distinção ontológica entre o homem (*res cogitans*) e a máquina (*res extensa*), o que sugere que a IA, por mais avançada que seja, não pode se igualar completamente à natureza da mente humana. Replicar a racionalidade humana em sua totalidade, incluindo a dimensão subjetiva e a capacidade de autoconhecimento, é um desafio que não será superado por qualquer tecnologia.

No entanto, é possível considerar os métodos socráticos ao tratar sobre o processo de *questionamento e investigação* como meio para alcançar a sabedoria. Nesse sentido, Sócrates poderia incentivar os homens a utilizarem e questionarem a IA, fazendo perguntas a ela até alcançar um certo nível de conhecimento; talvez ele se colocaria a examinar *continuamente* seus benefícios, limitações e implicações éticas; reconheceria também os *limites do conhecimento humano* e a *importância da humildade intelectual*; alertaria sobre a confiança excessiva na IA, lembrando que ela é uma criação humana sujeita a falhas e limitações; destacaria que o conhecimento verdadeiro muitas vezes vem da reflexão crítica e da busca pela verdade.

Após todas estas análises, ainda se procurou em Nietzsche (2010), entender os aspectos mais relevantes da IA, sob o conceito *dionisíaco*, a partir da criatividade envolvida na inovação tecnológica e das possibilidades imprevisíveis que ela pode trazer, lembrando as forças de caos e transformação associadas a Dionísio. A capacidade da IA de aprender e evoluir, muitas vezes de maneiras não totalmente previstas por seus criadores, traz um elemento de incerteza, mas o homem (o *Ecce Homo* "Eis o homem") intervém e ensina.

No entanto, a IA pode ser vista também como uma manifestação do impulso apolíneo da humanidade. O desenvolvimento de tecnologias complexas, baseadas na lógica, na matemática e na ciência, reflete o desejo humano de ordem, controle e previsibilidade. Assim como Apolo representa a clareza, a forma e a estrutura, a IA é um produto do esforço humano para organizar e legitimar a sua presença no mundo. Assim, a IA como uma criação humana, desafia-nos a reconsiderar nossas concepções de moralidade, identidade e até mesmo nossa própria natureza de humanidade, pois veio para ficar. Portanto, é preciso superar os limites impostos pela tradição e pela moralidade herdada (NIETZSCHE, 2010).

Nessa perspectiva, é interessante analisar as essencialidades que variam profundamente entre os homens, os animais e a IA, cada um seguindo sua própria natureza, desafios e potencialidades.

O homem, por sua vez, ao longo da história desenvolveu, por exemplo, uma habilidade extraordinária para construir casas e prédios. Utilizando materiais diversos como madeira, pedra, concreto e aço, os humanos criam desde simples moradias até imponentes arranha-céus. Esta capacidade não é apenas uma resposta à necessidade básica de abrigo, mas também uma expressão de cultura, inovação, arte e criação de espaços para entretenimento (CHILDE; WALTENSIR, 1966).

A construção humana envolve um processo complexo que inclui planejamento, design, engenharia e execução. Cada fase exige conhecimento especializado e trabalho colaborativo entre arquitetos, engenheiros, operários e outros profissionais. Todo o processo de construção está repleto de desafios, como garantir a segurança estrutural, a sustentabilidade ambiental e a eficiência energética. A potencialidade de criar espaços funcionais, esteticamente agradáveis e duráveis reflete a capacidade humana de transformar o ambiente de maneira sofisticada e consciente.

Os animais, por outro lado, constroem seus abrigos de maneira instintiva. Cada animal tem seu método particular de construção, adaptado às suas necessidades e ao ambiente em que vive. Alguns pássaros constroem ninhos intrincados com gravetos e folhas, castores criam barragens complexas que transformam ecossistemas e insetos, como as formigas e as abelhas, constroem colônias com arquitetura impressionante (CHILDE; WALTENSIR, 1966).

Essas construções são guiadas por instintos biológicos e comportamentais específicos de cada espécie. Os animais não precisam de planos ou treinamentos formais; suas habilidades são herdadas geneticamente e aperfeiçoadas pela evolução e pela prática. Embora suas construções sejam menos grandiosas em escala comparadas às humanas, elas são perfeitamente adaptadas às necessidades de sobrevivência e reprodução. A eficiência e a funcionalidade são as principais características dos abrigos animais, refletindo a natureza prática e adaptativa da vida selvagem (CHILDE; WALTENSIR, 1966).

A IA representa uma nova dimensão na criação arquitetônica. Com a capacidade de gerar projetos arquitetônicos em 3D, ela está revolucionando o campo do design e da construção em geral. Utilizando algoritmos avançados e enormes quantidades de dados, a IA pode criar modelos digitais que consideram fatores como iluminação natural, fluxo de ar, eficiência energética e estética. Isso não apenas acelera o processo de design, mas também introduz novas possibilidades criativas que podem não ser imediatamente aparentes para os homens. A IA pode simular diversas variáveis, permitindo uma experimentação quase ilimitada e com custos até menores. Embora ela enfrente seus próprios desafios, como a necessidade de dados precisos e a dificuldade de integração com sistemas tradicionais de construção. Contudo, seu potencial para inovar e otimizar o design arquitetônico é indiscutível, abrindo caminho para construções mais inteligentes, sustentáveis e eficientes. Cultural, 1987.